

## XVII

## O ROMANCE DE ALFREDO

Depois de alguns minutos, utilizados por nós no serviço da higiene reconfortadora, Alfredo convidou-nos à mesa, onde Ismália, com extrema fidelidade, mandou servir frutos diversos.

Os senhores do castelo não podiam ser mais gentis.

Servidores iam e vinham, com grande júbilo a lhes transparecer do rosto.

A palestra de Alfredo e as observações de Ismália estavam cheias de notas interessantes e educativas.

— E qual a sua impressão dos serviços em geral? — perguntou Aniceto, atencioso, dirigindo-se ao dono da casa.

— Excelente, quanto às oportunidades de realização que nos oferecem — respondeu Alfredo em tom significativo — entretanto, não tenho o mesmo parecer quanto à situação em curso. As zonas a que servimos estão repletas de novidades dolorosas. O presente período humano é de conflitos devastadores e as vibrações contraditórias que nos atingem são de molde a enfraquecer qualquer ânimo menos decidido. Desencarnados e encarnados empenham-se em batalhas destruidoras. E' uma lástima.

— Multiplica-se o número de necessitados que recorrem ao Pôsto? — continuou indagando nosso orientador.

— Enormemente. Nossa produção de alimentos e remédios tem sido integralmente absorvida pelos famintos e doentes. Tenho quinhentos coope-

radores, mas nos sentimos presentemente incapazes de atender a tôdas as obrigações. As massas de soffredores são incontáveis. Noutro tempo, nossa paisagem se mantinha sem sombras, durante muitas semanas, mas agora...

Nesse instante, Ismália pediu licença para dirigi-se ao interior. E como Alfredo fixasse os olhos nos meus, aventurei-me a considerar:

— Ainda bem que tendes uma abnegada companhia ao vosso lado.

Ele e Aniceto sorriram, quase a um só tempo, falando-nos o administrador:

— Ah! meus amigos, por enquanto, não tenho essa felicidade em caráter definitivo. Minha esposa e eu temos o divino compromisso da união eterna, mas ainda não lhe mereço a presença contínua. Ela é a bondade celeste, entretanto, eu sou a realidade humana.

Depois de pequena pausa, prosseguiu com gentileza:

— Aniceto conhece-nos a história. Vocês, porém, a ignoram. Sentir-me-ei, portanto, contente, em relatar algumas lembranças, com benefício duplo. Aliviarei o coração, uma vez mais, contando minhas faltas, e vocês dois, que talvez tenham em breve novos serviços na Terra, aproveitarão, por certo, alguma coisa das minhas experiências.

Ismália e eu guardávamos um escritório de felicidade no mundo, no entanto, os salteadores perversos espreitavam-nos a ventura. Minha responsabilidade era enorme no campo dos negócios materiais, e, longe de compreender as obrigações sublimes de esposo e pai, não procurava atender aos deveres justos para com o lar e os dois filhinhos que Deus me enviara ao círculo doméstico. Ismália, porém, era a providência de nossa casa. Esqueci-me, contudo, de que a virtude, a qualquer tempo, será atormentada pelo vício e minha nobre companhia foi vítima da maldade de um amigo desleal, com quem tinha eu inúmeros interesses em



comum, no campo monetário. Minha esposa sofreu, em silêncio, a perseguição dele por alguns anos consecutivos. E quando meu desventurado sócio verificou a inutilidade da atitude criminosa, em franco desespero, buscou envenenar-me o espírito desprevenido. Começou por advertir-me, quanto ao procedimento dela. Atordoou-me, envolvendo-a em acusações descabidas. Subornou criados domésticos e colocou espiões que seguissem minha querida Ismália, nas tarefas de esposa e mãe. Esse homem exercia profunda influência sobre mim, e, atendendo aos laços que nos uniam, minha companhia jamais se sentiu com bastante coragem para denunciá-lo. Enquanto dava ouvidos à calúnia, fora de meu círculo doméstico, tornara-me intolerável dentro dele. Não sabia contemplar minha esposa com a despreocupação e a confiança absoluta de outra época. Via o mal nos seus mínimos gestos e queria descobrir segundas intenções nas suas frases mais inocentes. Cheguei a acusá-la, veladamente. Ismália chorou e calou-se. Por fim, nosso infeliz perseguidor subornou um homem de baixa condição que permaneceu, certa noite, ao lado de nossos aposentos particulares como vulgar ladrão, às ocultas, sendo eu convocado à prova máxima. Penetrei no quarto em extremo desespero e acusei em voz alta ao ver a companhia profundamente tranqüila. Ismália levantou-se, receosa da minha saúde mental, mas não lhe atendi os rogos, procurando, como louco, o conspurcador da minha honra... Abri violentamente grande armário antigo, vasculhando o quarto. Nesse instante, o vulto de um homem esgueirou-se na sombra, do aposento próximo, e, antes que eu pudesse agarrá-lo no meu ódio infrene, saltou a janela, alcançando o pomar de nossa casa. Corri, desesperado, detonando balas a esmo, mas nada consegui. Regressei ao quarto e, para cúmulo da calúnia odiosa, o desconhecido deixara, atrás de si, um chapéu novo, rigorosamente moderno, para que se acen-

tuassem meus sentimentos terríveis. Olhos congestionados, vomitando insultos, quis eliminar Ismália, banhada em lágrimas a meus pés; no entanto, alguma coisa, que nunca pude compreender na Terra, paralisou-me o braço quase homicida. Vociferando blasfêmias, surdo aos rogos dela, afastei-me do lar, tomado de horror. No dia imediato, fiz valer meu direito exclusivo sobre os filhos e providenciei para que Ismália, convertida em estátua de dor, fôsse restituída à fazenda paterna. Contratei uma governanta para os meninos e, logo após, tomei um pacote para a Europa, onde me demorei mais de três anos. Nunca me propus a verificações sérias, e, embora tivesse o espírito incessantemente atormentado, humilhei os sentimentos mais íntimos, jamais procurando notícias da companhia caluniada. Certo dia, recebi uma carta lacônica na costa francesa. Um parente dava-me informações, da esposa. Após dois anos angustiosos, entre a saudade e o abandono, Ismália fôra colhida pela tuberculose, falecendo em terrível martirólogo moral. Deliberei, então, a volta. Fixei-me novamente no Rio, eduquei os filhinhos e conservei a dolorosa viuvez no desencanto do coração. Os anos rolavam uns sobre os outros, quando fui chamado à cabeceira do ex-sócio agonizante. O infeliz, em face da morte, confessou o crime odioso, pedindo um perdão que, infelizmente, não pude conceder. Transformei-me, desde então, num louco irremediável. Cansado, envelhecido, procurei a propriedade rural dos sogros, tentando reparar, de alguma sorte, a injustiça, mas a morte não me deu ensejo e voltei para a esfera dos desencarnados, em tristes condições espirituais.

Nesse instante, fez uma pausa, para continuar comovido:

— Não preciso dizer que recebi de Ismália todo o amparo de que necessitava. Todavia, infelizmente para mim, estávamos separados. Não mereci a bênção da união sublime. Ismália segue-me de per-



to, mas tem residência num plano superior, que devo esforçar-me por alcançar. Desde muito, dediquei-me aos serviços do nosso Posto de Socorro, consagrei-me aos ignorantes e sofredores, e minha santa Ismália vem até aqui, mensalmente, incentivar-me o bom ânimo e amparar-me nas lutas.

— Mas não poderia ela transferir-se definitivamente para aqui? — indagou Vicente, tão impressionado quanto eu, com o romance comovedor.

Alfredo sorriu e falou:

— Sei que Ismália tem trabalhado para isso, que seu ideal de união eterna é idêntico ao meu, atendendo à circunstância de estar o superior sempre em posição de dar ao inferior; mas não ignoro que foi advertida por nossos maiores, sobre as minhas atuais necessidades de esforço e solidão. Preciso conhecer o preço da felicidade, para não menosprezar, de novo, as bênçãos de Deus. Minha esposa deseja descer para encontrar-se definitivamente comigo; entretanto, é necessário que eu aprenda a subir e, por este motivo, ainda não recebemos a devida permissão para o definitivo consórcio espiritual.

Observando-nos a emoção, o generoso interlocutor concluiu:

— Estou resgatando crimes de precipitação. Pela impulsividade delituosa, perdi minha paz, meu lar e minha devotada companhia. Conforme ouviram, não matei nem roubei a ninguém, mas envenenei-me a mim próprio. A calúnia é um monstro invisível, que ataca o homem através dos ouvidos invigilantes e dos olhos desprevenidos.

## XVIII

### INFORMAÇÕES E ESCLARECIMENTOS

A volta de Ismália ao círculo da conversação impediu o prosseguimento do assunto.

Aproveitando, talvez, a oportunidade, Aniceto perguntou ao administrador:

— Que me diz da continuação de nossa viagem? Estimariamos alcançar, ainda hoje, as esferas da Crosta.

Endereçou-nos Alfredo significativo olhar e falou:

— Não me sinto com o direito de alterar-lhes o plano de serviço, mas seria conveniente pernoitarem aqui. Nossos aparelhos assinalam aproximação de grande tempestade magnética, ainda para hoje. Sangrentas batalhas estão sendo travadas na superfície do globo. Os que não se encontram nas linhas de fogo, permanecem nas linhas da palavra e do pensamento. Quem não luta nas ações bélicas, está no combate das idéias, comentando a situação. Reduzido número de homens e mulheres continuam cultivando a espiritualidade superior. E' natural, portanto, que se intensifiquem, ao longo da Crosta, espessas nuvens de resíduos mentais dos encarnados invigilantes, multiplicando as tormentas destruidoras.

Aniceto escutava com atenção.

— Não me preocupo com sua pessoa, continuou Alfredo, dirigindo-se de maneira particular ao nosso instrutor — mas estes dois amigos, penso, seriam desagradavelmente surpreendidos.

— Tem razão — concordou Aniceto.